

O DISCURSO INSTITUCIONAL DA/SOBRE A ESCOLA: UMA ANÁLISE DA AUTORIA E DAS RELAÇÕES DE CONTRADIÇÃO

Rosane Zordan Poletto(UPF)

Esse trabalho busca basicamente lançar um olhar sobre os discursos pedagógicos considerando sua função na estrutura educação-escola , a qual, segundo Althusser constitui um aparelho ideológico do estado.

Os planejamentos analisados pertencem às escolas estaduais e à Secretaria Municipal de Educação do município de São José do Ouro em um recorte temporal compreendido entre 1997 e 2006.

Os critérios para seleção dos recortes discursivos analisados levaram em consideração a recorrência de algumas concepções presentes nos planejamentos quais sejam , as concepções de sociedade, escola, professor e aluno.

CONCEPÇÃO DE PROFESSOR

SDM (1997) A falta de um planejamento condizente com a realidade, a escassez de recursos, docentes despreparados, geram um ensino de má qualidade.

SDE(1998) O corpo docente da escola é composto por pessoas qualificadas, disponíveis e de alto nível cultural.

Como podemos perceber, em termos de organização da língua, a seqüência apresenta unidade e coerência, o que estaria atestando a presença da função autoria, no entanto, as contradições existentes não nos possibilitam conferir essa “voz” a nenhum autor. O professor, nesse contexto, é o próprio produtor e o referente do discurso ocupando outras posições-sujeito através de dizeres antagônicos que coexistem dentro da mesma FD institucional escolar. Temos, assim, nessa seqüência a evocação de um jogo de imagens que

instaura uma contradição no discurso, que por sua vez provoca um deslocamento de sentido que resulta no professor depreciando a própria imagem em uma FD escolar.

Na SDE2(1998), contrariamente aos dizeres da SDM1(1997), a imagem que se projeta do professor é uma imagem positiva. É interessante aqui trazermos presente o dizer da SDM1(1997)¹ que caracteriza o aluno da seguinte forma: “O corpo discente da escola possui, na sua maioria, um baixo nível cultural, motivado pela pouca leitura, falta de estímulo dos pais e a própria situação econômica das famílias, que não permitem que os filhos se dediquem somente aos estudos”. Aqui observamos o efeito de sentido dominante que determina a FD institucional escolar, o qual hierarquiza as posições-sujeito em o professor que sabe e o aluno que não sabe. A escola como instituição que se pretende neutra e competente em oposição às famílias e à situação econômica como causadoras do fracasso escolar.

CONCEPÇÃO DE ESCOLA

SDM3(1999) A escola deverá ser um espaço propício para aprender a pensar mais do que dominar conhecimentos ou treinar comportamentos. É preciso haver total fidelidade ao homem e ao povo do qual somos parte. Precisamos buscar a verdade, a justiça, a honestidade e, desenvolver nos alunos e professores, uma escola de valores que os torne críticos e senhores da história.

Na SDM3(1999), ao contrário das outras seqüências analisadas até aqui, encontramos marcas do sujeito: **Precisamos buscar a verdade, a justiça e a honestidade e, desenvolver nos alunos e professores, uma escola de valores que os torne críticos e senhores da história.** O verbo “precisar”, empregado na segunda pessoa do plural, é uma

¹ Seqüência discursiva que faz parte do corpus do recorte “ a concepção de aluno”.

pista lingüística para que possamos construir o sentido de que os professores responsáveis pela produção do discurso marcam-se nele e, assim, produzem o efeito de sentido de autoria que, conforme temos percebido, está ausente no *corpus* analisado. No entanto, como vemos, a continuidade da seqüência provoca um deslocamento de sentido que leva à simulação do apagamento desse sujeito que parecia estar presente no discurso. Esse deslocamento de sentido que acaba por produzir um efeito de simulação do apagamento do sujeito se dá pelo emprego do pronome oblíquo de terceira pessoa “os”, que nos remete a pensar não mais em um “nós”, mas em um “eles”. Se pensarmos que a escola é essencialmente formada por professores e alunos, mas que aqui são considerados terceira pessoa, isto é, não fazem parte do **nós** (precisamos), que estarão buscando a verdade, a justiça, a honestidade e desenvolvendo uma escola de valores, perguntamos-nos Quem faz parte do nós? Quem precisa buscar a verdade, a justiça e a honestidade?

CONCEPÇÃO DE ALUNO:

SDE4(2001) Nesta **nova escola comprometida com a cidadania, os conflitos não poderão mais ser camuflados, ao contrário, deverão ser trabalhados. o aluno deverá encontrar na escola um espaço para discutir os problemas vivenciados por ele estabelecendo relações com a coletividade desvendando suas verdadeiras causas.**

O que segue nessa seqüência **escola comprometida com a cidadania, os conflitos não poderão mais ser camuflados, ao contrário, deverão ser trabalhados pelo aluno estabelecendo relações com a coletividade desvendando suas verdadeiras causas** parece, num rompante de verdade, nos dizer: de hora em diante, a escola está livre das amarras ideológicas que a obrigavam a camuflar conflitos, a escondê-los sob o jugo das classes dominantes. Nesta nova escola estarão sendo “desvendadas” as verdadeiras causas

que levaram a sociedade a se configurar do modo como se configura e, desse modo, o aluno entenderá que não há nada de natural na história.

Ocorre que, a exemplo das anteriores, o que temos funcionando nessa seqüência é uma espécie de linguagem vazia. Não temos, por exemplo, explicitada nessa seqüência que conflitos são esses que não serão mais camuflados e, principalmente, as causas que justificavam, até então, essa camuflagem.

Percebemos que, mesmo com a expectativa de um rompimento do discurso pedagógico, considerando as condições de produção, esse rompimento não ocorre. Acreditamos que essa não-ruptura no discurso se dá pela instauração do silêncio aliada à ausência do efeito autoria. Não há nesse discurso um sujeito ocupando uma posição autor que se responsabilize pelo seu dizer, um sujeito que tenha deixado no texto as marcas de quem sabe de que conflito se está falando.

Percebemos, portanto, que, como nas concepções de escola e sociedade, a concepção de aluno perde-se nos meandros de um discurso que não prevê um interlocutor. É um discurso que tem a função autoria recoberta por uma linguagem alegórica que se dissimula na neutralidade. Essa neutralidade não compromete a escola com a realidade do seu tempo e cala o sentido outro, fechando-se para a intervenção da história. Exemplificando o que discurremos em nossos pressupostos teóricos, estamos diante de uma espécie de língua-de-espuma.

Assim, pela categoria da ordem, pudemos perceber as recorrências, os silenciamentos e as contradições que iam tecendo um discurso cujo fio parecia não ter seu início, relegado a nenhum sujeito que, ocupando uma posição-autor, pudesse ser por ele responsabilizado. Desse modo, tanto as concepções de professor como as concepções de sociedade, aluno e escola diluíram-se num discurso de muitos dizeres, mas que, contraditoriamente, calaram os sentidos.